

## O FANTASMA DO CÁRCERE: PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA ENSEADA DE DOIS RIOS, ILHA GRANDE (RJ).

The phantom of the cárcere: environmental perception in Dois Rios, Ilha Grande (RJ).

El fantasma del cárcere: percepción ambiental de la enseada de Dos Rios, Ilha Grande (RJ).

### RESUMO

O presente trabalho tem como tema a percepção ambiental, articulada com os conceitos de paisagem cultural e o histórico de uso e ocupação do solo. Dentro do território insular da Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ), destacam-se as unidades prisionais, as unidades de conservação e a atividade turística que resultam em uma morfodinâmica dos acontecimentos de forma singular, e são expressadas em diversos imaginários sobre o espaço. O objetivo é analisar as relações deste imaginário, quando veiculado aos usos das agências de viagens, com as percepções dos visitantes na enseada de Dois Rios. A metodologia está sustentada em dois autores: Paulo César da Costa Gomes e Yi-Fu Tuan. O primeiro auxiliando na inventariação dos patrimônios – tratados como paisagens culturais e com funções de atrativos turísticos – a partir dos discursos utilizados pelas agências; e o segundo, no intuito de trazer para a Geografia o sentimento pelo lugar, na perspectiva fenomenológica, exercendo a percepção do visitante, a partir de um questionário voltado para a sua capacidade de sentir e perceber o ambiente através dos seus sentidos, e reconhecer seu conhecimento ambiental. Os resultados apresentam diferentes interpretações dos patrimônios, e relações entre o homem e os atrativos, apontando um contato que, na maioria das vezes, se distancia, e em casos pontuais, aproxima-se com as ideias já propagadas pelo turismo no território insular.

**PALAVRAS-CHAVE:** Turismo, Uso e Ocupação, Paisagem Cultural.

### RESUMEN

Este trabajo tiene como tema la percepción ambiental articulada con los conceptos de paisaje cultural y la historia del uso y ocupación del suelo. Dentro del territorio insular de Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ), destacamos las unidades carcelarias, las unidades de conservación y la actividad

### ANA BEATRIZ COSTA FARIAS

Mestranda no Programa de  
Pós-Graduação em Geografia da  
Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro (PPGEO- UERJ)

[anabeatrizcfarias@gmail.com](mailto:anabeatrizcfarias@gmail.com)

### SONIA VIDAL GOMES DA GAMA

Professora Associada da  
Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro (UERJ), Instituto de  
Geografia.

[sgama.neppt@gmail.com](mailto:sgama.neppt@gmail.com)

Artigo recebido em:

26/06/2019

Artigo publicado em:

17/10/2019

turística que dan como resultado una morfodinámica de los acontecimientos de una manera única, y que se expresan en varios imaginarios sobre el espacio. El objetivo es analizar las relaciones de este imaginario, cuando se transmite a los usos de las agencias de viajes, con las percepciones de los visitantes en la ensenada de Dois Ríos. La metodología se basa en dos autores: Paulo César da Costa Gomes y Yi-Fu Tuan. La primera ayuda en el inventario del patrimonio -tratado como paisajes culturales y con funciones de atracciones turísticas- a partir de los discursos utilizados por las agencias; y la segunda, con el fin de traer a la geografía el sentimiento por el lugar, en la perspectiva fenomenológica, ejerciendo la percepción del visitante, a partir de un cuestionario enfocado en su capacidad de sentir y percibir el medio ambiente a través de sus sentidos, y reconocer su conocimiento ambiental. Los resultados presentan diferentes interpretaciones del patrimonio y de las relaciones entre el hombre y los atractivos, apuntando a un contacto que, en la mayoría de los casos, se aleja y, en ocasiones, se acerca a las ideas ya difundidas por el turismo en el territorio insular.

**PALABRAS-CLAVE:** Turismo, Uso y ocupación, Paisaje cultural.

## ABSTRACT

The present work has as its theme the environmental perception articulated with the concepts of cultural landscape and the historic land's use and occupation. In the insulate territory of Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ), point out the prison units, conservation units, and tourism activity that result in a morphodynamic singular way of the events, and are expressed in several imaginaries about the space. The objective is to analyze the relationships of this imaginary, when conveyed to the uses of travel agencies, with the perceptions of visitors in Dois Rios cove. The methodology is supported by two authors: Paulo César da Costa Gomes and Yi-Fu Tuan. The first assisting in the inventory of assets - treated as cultural landscapes and functions of tourist attractions - from the speeches used by agencies; and the second, in order to bring to Geography the feeling about the place, in the phenomenological perspective, exercising the perception of the visitors from a questionnaire focused on their ability to feel and notice through their senses, and recognize their environmental knowledge. The results presents different interpretations of the assets, and relations between the man and the attractions, pointing to a contact that, in most cases, distances itself, and in specific cases, is approaching the ideas already propagated by tourism in the insulate territory.

**KEYWORDS:** Tourism, Use and Occupation, Cultural Landscape.



Revista do Programa de Pós-Graduação  
em Geografia e do Departamento de  
Geografia da UFES

Julho-Dezembro, 2019  
ISSN 2175-3709

## INTRODUÇÃO

Ilha Grande é perseguida por fantasmas<sup>1</sup>. Com um processo de ocupação interpretado sob uma névoa mística e de lendas, ela retoma a entrepostos comercias de piratas de séculos prévios a sua “descoberta”<sup>2</sup>; a resistência à colonização com a guerra de Tamoios, com os povos locais defendendo sua “Ipaum Guaçu”<sup>3</sup>; e ao tráfico ilegal de escravos. Também experimentou economias que acompanharam o continente, como a cana-de-açúcar, o café, e a criação de gado, além de ter sido área de quarentena para tripulações enfermas originárias de longas viagens e até, repositório de presos políticos e comuns.

Esses usos geraram uma história carregada de lacunas, controvérsias e ambiguidades que serviram como potencialidades para o seu imaginário atual de lugar mágico. Os fantasmas são apresentados tanto em forma figurada – com as ideias criadas de personagens como piratas, indígenas, pescadores, escravizados, enfermos e prisioneiros, que deturpam muito da realidade vivida no território – quanto em forma física – no resultado de ruínas das edificações coloniais, do lazareto e das penitenciárias, além da degradação dos seus meios biótico e abióticos, derivados de uma exploração econômica e mau uso do solo. Estes fantasmas ainda resistem, mesmo que muito escondidos pelo mais recente assombro: o turismo. Esse que transforma e persegue a ilha tanto quanto os pretéritos, mas possui a máscara de atrativo e de benfeitor para o desenvolvimento insular. O turismo, até agora, é a mais fantasmagórica assombração da

Ilha Grande.

Esta ilha composta por fantasmas, e com história firmada em um recorte de tempo de 517 anos – salvo os registros de sambaquis<sup>4</sup> –, atualmente é propagada por mãos não calejadas de sua construção, negligenciando as colocações de caiçaras, moradores e ex-prisioneiros, ou pessoas ligadas diretamente ao período carcerário ainda presentes no território. Neste momento, quem propaga sua definida memória e principais funções de uso são agentes da indústria do turismo, vinculados a políticas de governo que acompanham uma tendência nacional (CORRÊA, 2008). Há uma apropriação dos mitos e histórias do território insular para reforçar o discurso do encantamento da natureza, formando-se assim, álbis de um turismo exploratório.

O turismo é composto de esquemas e redes que perpassam por dispositivos geográficos da ilha, atingindo conexões virtuais – redes sociais, sites. Os interesses que o permeiam são compostos por cargas diferentes de sentimentos, de história e desenvolvimento econômico. Interesses que se articulam ora de forma passiva, harmonizando a paisagem e valorizando seus diversos elementos, ora promovendo conflitos, principalmente com a necessidade de reafirmação da existência de outros agentes, como moradores e unidades de conservação. Por isso, o turismo é fantasmagórico; ele, ao mesmo tempo em que se intensificou a partir da negação dos fantasmas, coloca-se como potência para o desenvolvimento da Ilha Grande, transformando assombros em atrativos, ilusão, e memória. Assim, o turismo vem

**1** - Fan.tas.ma sm. 1. Imagem ilusória. – Dicionário Aurélio.

**2** - Século XVI, mas precisamente em 1502, com a suposta descoberta do navegador Gonçalo Coelho.

**3** - Os Tupinambás chamavam a Ilha Grande de Ipaum Guaçu. A primeira palavra significa “Ilha” enquanto Guaçu denota “Grande”.

**4** - Formação calcária conhecida como sambaqui, termo em tupi que significa “monte de conchas”.

gerando impactos de ordem social, cultural e ecológica, transfigurando paisagens pelo interesse do capital.

Dentre os fantasmas e as transformações ocorridas na Ilha Grande, o presente artigo faz recorte na enseada de Dois Rios, lugar possuidor de três características essenciais para compreender seu todo hoje: sua geografia; o cárcere; e a conservação. Atualmente, a disposição atual de seus símbolos e suas representações colaboram moldando uma ilha de significados ambivalentes: como um lugar excludente e modelo ideal de aprisionamento; e como um lugar especial na imaginação do homem. Ela é o mais próximo de uma concretização do espaço mítico que oferece as realizações do imaginário do homem<sup>5</sup>, ao passo que ainda possui marcas de um passado baseado na lógica da reclusão e do trabalho do indivíduo para a melhora de seu comportamento<sup>6</sup>. A Ilha Grande, em concomitância com Dois Rios, quanto feição geográfica, permite uma leitura intrínseca dos isolamentos propostos em seu processo de ocupação: ela exclui, serve como refúgio e favorece a conservação.

Este artigo apresenta um dos resultados da monografia intitulada *As contradições do imaginário patrimonial: estudo de caso nas enseadas de Abraão, Lopes Mendes e Dois Rios – Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ)*, cujo o objetivo é analisar a relação entre a percepção dos visitantes sobre a enseada de Dois Rios, com as concepções atuais da Ilha Grande, propagadas pelos meios de comunicação. Também são identificados os pontos positivos e ne-

gativos relacionados à infraestrutura e equipamentos funcionais na recepção dos agentes turísticos no território insular.

A metodologia baseia-se na Análise da Percepção Ambiental desenvolvida a partir da perspectiva experiencial do ambiente (XAVIER, 2007; TUAN, 2012; TUAN, 2013; OLIVEIRA, 2012). Foram aplicados 10 questionários com a intenção de reconhecer o perfil dos usuários da enseada, entendendo suas motivações e interesses pelo lugar, além de identificar as denominadas “lacunas de informação”, bem como “informações distorcidas” (mitos sem sustentação científica, mas generalizados no conhecimento da sociedade)<sup>7</sup>, a partir do exercício da percepção ambiental. Buscou trabalhar dentro do estudo geográfico o sentimento pelo lugar, a partir da perspectiva fenomenológica, exercitando no turista a sua capacidade de perceber o ambiente através dos seus sentidos.

Para compreender como se construiu a imagem atual da enseada de Dois Rios, traçou-se seu histórico de uso e ocupação do solo, acompanhado da análise da abordagem adotada pelos meios de comunicação sobre esses processos de transformação do espaço. Somado a isso, foi realizado uma inventariação patrimonial dos principais atrativos turísticos dispostos hoje na enseada, com o auxílio da Geografia da Visibilidade, apresentada por Gomes (2013), junto com novas categorias de análise do espaço geográfico: exposição, composição e ponto de vista (**Quadro 1**). Elas colaboraram com a interpretação da espacialização desses patrimô-

**5** - “Quando imaginamos o que fica do outro lado da cadeia montanhosa ou do oceano, nossa imaginação constrói geografias míticas que podem ter pouca ou nenhuma relação com a realidade.” (TUAN, 2013, p. 110).

**6** - Além de um investimento na mudança comportamental dos aprisionados, é necessária uma forma de livrar a população dos perigos que era ter em sua cidade as circulações de um público associado ao cárcere. Esses pressupostos levaram a instalação de penitenciárias em Ilhas em todo o Brasil, criavam-se territórios do cárcere, geralmente, em ilhas ou lugares afastados do convívio social, como por exemplo, as instituições carcerárias que existiram durante muitas décadas na Ilha Grande.

**7** - Fernandes, R.; Souza, V.; Pelissari, V.; Fernandes, S. Da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental. Rede CEAs – USP, disponível em: [www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao\\_Ambiental.pdf](http://www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao_Ambiental.pdf)



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Julho-Dezembro, 2019  
ISSN 2175-3709

nios, e no seu grau de relevância e exposição pela atividade turística. Este processo de inventariação foi realizado a partir da observação em campo de acordo com os dispositivos de análise, e da leitura de três sites representativos

para a propagação do turismo na Ilha Grande: Ilha Grande <<http://www.ilhagrande.com.br>>; Ilha-Grande.org <<http://www.ilhagrande.org>>; TripAdvisor <<http://www.tripadvisor.com>>.

## QUADRO 1 - Categorias de Análise do Espaço Geográfico.

Categoria	Definição do Paulo Cesar da Costa Gomes	Apresentação neste estudo
Ponto de Vista	É um dispositivo espacial. No seu sentido concreto, é usado para designar lugares que oferecem uma visão panorâmica de onde se pode observar uma paisagem. Porém, tem o sentido metafórico de opinião, tal qual quando olhamos a paisagem, escolhemos a posição do nosso olhar, como olhar, e a partir disso o físico se adequa, onde será determinado o ângulo, a direção, a distância, entre outros atributos posicionais.	Busca-se compreender, a partir do histórico de uso e ocupação do solo, como a localidade de Dois Rios é moldada para apresentar os atrativos turísticos vistos hoje. Apresentar sua história, e como é imaginada e transmitida para o público é entender seu ponto de vista metafórico. Já o concreto, é buscado pelo link com as demais categorias, onde se concentram os aspectos físicos da sua paisagem e a ação de contemplação da mesma.
Composição	É o conjunto estruturado de cores, formas ou coisas, resultado de uma combinação que gera algo novo, formado pela junção de diversos elementos que possui um aspecto essencial: o jogo de posições.	Estudar essa categoria é compreender sua espacialidade, e o lugar dos elementos nesse conjunto. Ela é apresentada neste trabalho em dois momentos: em um descritivo item de geografia física e uso do solo; e nas percepções dos visitantes, trabalhadas em campo, a partir da aplicação de questionários, baseados nas suas experiências com os ambientes, e em questões voltadas para o conhecimento de forma geral da Ilha Grande.
Exposição	Lugares de exposição são lugares de grande e legítima visibilidade. O que ali se coloca tem um comprometimento fundamental com a ideia de que deve ser visto, olhado, observado, apreciado, julgado. Isso também significa dizer que, socialmente estabelecemos lugares onde essa visibilidade deve ser praticada, segundo complexas escalas de valores e significações.	Esta categoria é destacada neste estudo nos questionários de percepção ambiental, onde são colocados, a partir da visão do turista, os pontos de maior destaque, tanto de forma positiva quanto negativa, da paisagem. É também exercitada na estimulação de um olhar crítico do observador, para perceber se há, ou não, certos componentes que praticam interferências no ambiente.

A ilha ainda é uma composição de patrimônios, onde suas potencialidades e interesses externos regem o que deve ou não ser destacado, além da própria resistência de seus fantasmas. É nesse contexto que entram as contradições dos atores sociais, econômicos e políticos que hoje estão presente no território. De acordo com Oliveira (2012):

Quando se trata de percepção ambiental, trata-se, no fundo, de visão de mundo, de visão de meio ambiente físico, natural e humanizado, na maioria é sociocultural e parcialmente é individual; é experiência em grupo ou particularizada; é uma atitude, uma posição, um valor, uma avaliação que se faz do nosso ambiente. (OLIVEIRA, 2012, p. 61).

## A POTENCIALIDADE DO TERRITÓRIO INSULAR:

Ilha Grande é o terceiro Distrito Municipal de Angra dos Reis, pertencente à região administrativa da Baía de Ilha Grande, também conhecida como região da Costa Verde, litoral sul do estado do Rio de Janeiro. Com uma área de 187 km<sup>2</sup>, estão localizadas 34 pontas, 07 enseadas e 106 praias, de acordo com a Prefeitura Municipal de Angra dos Reis.

Reconhecida como “joia do tesouro” ambiental do Rio de Janeiro, principalmente por ser considerada um dos maiores remanescentes de Mata Atlântica do estado, a ilha assume o turismo como sua principal atividade econômica, e reúne uma série de atrativos naturais e culturais descritas pelo Plano de Manejo do Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG), como: cadeia de montanhas que se eleva abruptamente a cerca de 1.000 m de altitude acima do nível do

mar, recoberta de densa floresta atlântica; um dos maiores índices de biodiversidade de todo o estado, onde se destaca o bugio, cuja vocalização inconfundível é conhecida como o “som da Ilha Grande”; sítios arqueológicos, evidenciando os sambaquis; ruínas do presídio de Dois Rios, assim como de outras edificações, tais como o aqueduto e o lazareto; e, sobretudo, um cordão de praias arenosas, separadas entre si por costões rochosos, que a tornam um dos destinos turísticos mais importantes de todo o Rio de Janeiro.

As mudanças mais significativas na ilha são de meados da década de 1970 e da década de 1980, com os incentivos da Convenção de Estocolmo, criando-se um plano de fundo internacional de proteção ambiental e da implantação das Unidades de Conservação em seu território: Parque Estadual da Ilha Grande (1978); Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul (1981); e Área de Proteção Ambiental Tamoios (1982). Somado a isso, o turismo começa a se intensificar no território insular, e a transformar de forma mais empírica o seu espaço, com o desenvolvimento da região da Costa Verde; a partir da construção da estrada Rio-Santos<sup>8</sup>, em 1974, e sua pavimentação (1980)<sup>9</sup>. Entretanto, mesmo se apresentando na forma de um turismo tímido e bem restrito pelo uso principal da ilha na época (território de exclusão), já nessa época, via-se em jornais propagandas voltadas para seus aspectos naturais, e o que a Ilha Grande poderia oferecer além da penitenciária (**Figura 1**).

**8** - SP-055 e somente após atravessar a área central de Ubatuba passa a ser denominada BR-101.

**9** - CORRÊA adc referência.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Julho-Dezembro, 2019  
ISSN 2175-3709

A desativação do presídio, em 1994, impulsiona a atividade econômica turística, tornando a ilha gradualmente um destino muito procurado, principalmente pela potencialidade dos seus recursos ambientais. Juntando esse imaginário, de um turismo voltado para os

prazeres do homem em contato com a natureza, com os cursos favoráveis a proteção ambiental, a economia da Ilha Grande viu a oportunidade de se refazer e buscar lucros em cima de suas características físico-paisagísticas (Figura 2).

**FIGURA 1 - Reportagem “A ilha-presídio também sonha ser um paraíso”- O Globo, 05 de Julho de 1971, Vespertina, Geral, página 5.**



Fonte: Acervo O Globo.

**FIGURA 2 - Reportagem “Ilha Grande é o mais novo Eldorado do turismo”- O Globo, 12 de Abril de 1998, Matutina, Rio, página 31.**



Fonte: Acervo O Globo.

## A POTENCIALIDADE DO TERRITÓRIO INSULAR:

A Enseada de Dois Rios é assombrada pelo fantasma do cárcere. De 1903 a 1932 abrigou a Colônia Correccional de Dois Rios, e em 1940 foi edificado o Instituto Penal Cândido Mendes. Com a desativação da penitenciária em 1994, e a paulatina apropriação da ilha para o turismo, as mudanças de paradigmas dos moradores locais e do seu espaço eram proeminentes, tornando o assustador uso de exclusão e castigo em um espectro presente na memória e história da enseada.

O Instituto Penal chegou a ser considerado uma prisão de segurança máxima, graças aos obstáculos que impediam a fuga: distância do continente, floresta densa e fechada, relevo acidentado e o mar circundante. Os poucos que se aventuravam em se arriscar não obtinham êxito, porém, com a evolução dos meios de transmissão e transporte, e a maior comunicação entre os presos tornaram as fugas mais fáceis. Além do controle sobre os internos, a presença da instituição carcerária na vila exigia, também, forte domínio sobre a população local e os visitantes dos internos que desembarcavam na ilha. Esse controle era efetivado através da organização espacial da vila. Portanto, a rotina e fluxos de Dois Rios eram completamente voltados para o presídio.

O Instituto Penal Cândido Mendes desempenhou papel central na dinâmica da comunidade de Dois Rios e da Ilha Grande. A importância do presídio era tamanha que tornava a área desta enseada a mais dinâmica e considerada a mais importante para a

ilha, até mais do que Abraão, que ainda é o seu principal porto de entrada. Mesmo com todas as mais diversas belezas do lugar, a imprensa e a opinião pública no geral, incluindo-se os próprios detentos, referiam-se à Ilha Grande como o “Caldeirão do Diabo”. O imaginário do cárcere, criado durante o período de quase um século na ilha, era baseado numa dinâmica de ocupação que ocorreu em Dois Rios, e que resultou em um ordenamento territorial com características singulares, e relações socioeconômicas próprias. O funcionamento do presídio fazia do Governo do Estado o principal agente definidor do seu uso e ocupação, não apenas de designações sobre o território, mas também das relações da comunidade da enseada e da ilha.

Esse quadro foi alterado com a mudança da divulgação da Ilha Grande nos meios de comunicação, que começaram a apresentar a ilha como um local paradisíaco, isolado e com grandes belezas naturais. A desativação do presídio contribuiu para o aumento do fluxo de visitantes e que hoje vem crescendo significativamente. Porém, é a grande divulgação na mídia a possuidora de um papel fundamental na transição da imagem da ilha, mudando seu imaginário para um sentido considerado mais positivo e agradável: a ilha paradisíaca. O imaginário que se desdobra desde a década de 1970, e ganha ainda mais força nos anos 1990, vem articulado com o suposto fim de um fantasma: o cárcere. A destruição física da instituição carcerária, Colônia Penal Cândido Mendes, em Dois Rios marca o início de projetos e atividades que geram o novo e



Revista do Programa de Pós-Graduação  
em Geografia e do Departamento de  
Geografia da UFES

Julho-Dezembro, 2019  
ISSN 2175-3709



mais atual uso da ilha. O turismo, já existente desde a época colonial, torna potencializado pelas ideias que buscavam apagar o passado sombrio de doenças, práticas de usos não sustentáveis e condenados, adotando o discurso das práticas com a natureza e da preocupação com o paraíso.

São nitidamente perceptíveis as mudanças dos teores das reportagens nos principais veículos de informação da época: Até a década de 80, a maioria das

manchetes denunciava o presídio ou relatava seus acontecimentos, como a indignação de moradores com certas posturas do sistema carcerário, a liberdade dos detentos, e até mesmo a criação de uma facção criminosa (**Figura 3; Figura 4**). Entretanto, o conteúdo divulgado muda a partir do processo de desativação do presídio, no início da década de 90, trazendo matérias voltadas para os aspectos físicos e as belas paisagens do território insular (**Figura 5**).

**FIGURA 3 - Reportagem relatando relações da facção falange vermelha no presídio. - O Globo, de 07 de Julho de 1983, Matutina, Rio, página 15.**



Fonte: Acervo O Globo.

**FIGURA 4 - Reportagem relatando a insatisfação dos moradores com condutas do sistema carcerário. - O Globo, de 19 de Janeiro de 1987, Matutina, Rio, página 9.**



Fonte: Acervo O Globo.

**FIGURA 5 - Reportagem tratando o fim do IPCM e os investimentos já voltados para o seu novo uso: o turismo. - O Globo, de 17 de Maio de 1992, Matutina, Jornais de Bairro, página 14.**



Fonte: Acervo O Globo.

Essa nova proposta fez com que um grande fluxo de turistas aportasse na Ilha Grande, despertando o interesse de grupos econômicos, que a partir desse momento, apropriaram-se de várias praias com objetivo de investimentos a curto e médio prazo. Segundo Ramuz (1997, p. 123 apud XAVIER, 2008, p. 90) o turismo na Ilha Grande pode ser dividido em três momentos distintos: o primeiro período que vai de 1974 a 1984, chamado fase de implementação; o segundo período de 1984 até 1994, fase de dinamização; e após 1994, fase de afirmação.

A ideia de implodir o presídio era bem antiga. O presídio sempre representou um impasse à administração do governador, que inúmeras vezes tentou destruí-lo, mas sempre esbarrava em conflitos

com os moradores, com a falta de espaço nas demais penitenciárias para onde os presos seriam enviados, dentre outros. A fim de resolver a questão, a estratégia lançada foi iniciar um processo de sucateamento com diminuições de verbas e descaso com os problemas da prisão. Diversos diretores que eram nomeados elaboravam relatórios sobre o crescimento de facções organizadas dentro do presídio, mas eram ignorados. Os conflitos cresciam e cada vez mais a organização interna dos presos dificultava a administração da cadeia. [...] Por trás dessa ação, o governo desejava criar um pólo turístico na área aproveitando os atributos naturais da Ilha Grande, além do temor que com a presença do presídio nenhuma empresa de turismo investisse na área. (XAVIER, 2008, p. 90)

Com base nessas reportagens, é nítida a intensão de se criar uma nova realidade para Ilha Grande. O seu histórico do cárcere já estava fatigado, e gerando poucos rendimentos, tanto econômicos, quanto sociais para o território insular.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Julho-Dezembro, 2019  
ISSN 2175-3709

Entretanto, suas belas paisagens, que eram pouco exploradas, tornam-se os elementos mais visados e cotados para serem a sua grande salvação, ou futuro progresso. Assim, o uso de imagens pré-determinadas de suas diversas características físicas, com base no interesse turístico – envolvendo empresas privadas, e o próprio Estado – começam a se impor como a mais nova atração e elemento de destaque da ilha, criando um espaço que visa se sobrepor aos anteriores, concretizando o seu discurso e sua ideologia de uma Ilha Grande paradisíaca e pronta para o desfrute do homem.

Para a prefeitura o presídio era um prédio histórico de luta contra a ditadura; para os moradores era a segurança, a ordem (continha a especulação imobiliária e a invasão de terras). Já para o governo estadual representava um grande estorvo contra as pretensões de tomar o local um grande pólo turístico. A implosão do presídio pôs fim à função carcerária da vila, depois de muitas décadas com a existência de presídios na Ilha Grande novas funções ganharam impulso, a proteção da natureza e o turismo, antes dificultados pela existência da penitenciária. (XAVIER, 2008, p.103)

## DA CONSERVAÇÃO PENAL AO CÁRCERE TURÍSTICO:

Tornar a Ilha Grande o paraíso para turistas, foi potencializado a partir da desativação do maior empecilho de avanço desta atividade econômica; o presídio. Segundo Tuan (2012), as apresentações de ilhas parecem ter um lugar especial na imaginação do homem. A sua importância reside no reino da imaginação. “Além de tudo, ela simboliza um estado de inocência religiosa e de beatitude, isolado dos infortúnios do con-

tinente pelo mar. [...] É na imaginação do mundo ocidental que a ilha adquiriu maior força” (TUAN, 2012, p. 168).

Logo, a ilha deveria se despir do seu passado e do fantasma carcerário, para satisfazer os desejos dos turistas. Não caberia aos infortúnios da prisão estarem presentes no novo ambiente que ela almejaria apresentar. A ilha, desejo do homem de tranquilidade e fuga da realidade, não poderia abrigar de forma tão viva o passado dos renegados. O labor que se tinha da Colônia Penal é contraditório à ilha idealizada, que se aproximava da descrição de “ilhas paradisíacas onde tudo era alegria e abundância. [...] onde não medram tempestades, onde o perfume das flores do paraíso constitui o alimento as pessoas” (TUAN, 2012, p. 169).

Esta transformação de uso e desativação do presídio implicou em uma evasão da população de Dois Rios, com uma quantidade significativa de funcionários do Instituto Penal Candido Mendes (IPCM) voltando para seus locais de origem. Também desenvolveu profundas modificações em seu espaço, por conta da falta de conservação de suas estruturas e edificações vinculadas com as limitações impostas pela instauração do Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG). Atualmente, Dois Rios encontra-se em estado de degradação que não intimidou o desenvolvimento do estímulo da visitação pública, mas torna a realidade dos moradores presentes dificultosa por questões de infraestrutura e acesso.

A comunidade da vila de Dois Rios era constituída de agentes penitenciários, policiais militares, esposas e filhos, alcançando um total de cento e vinte e sete pessoas ligadas de alguma forma ao presídio. Além dos quase setecentos internos e mais os colonos livres, que com suas famílias somavam em torno de quinhentos e quarenta pessoas vivendo em casas construídas pelos próprios presos ou invadidas, situadas nos acessos ao Saco da sardinha e a praia de Parnaioça Grande parte da população da Vila Dois Rios é ainda hoje composta de policiais e guardas penitenciários que foram funcionários do antigo Instituto Penal Cândido Mendes. De modo geral, eles gostam de falar do passado, de contar histórias e narrar como era a vida no tempo da prisão. Para os policiais e agentes penitenciários, o passado remete a lembranças saudosas de uma época de orgulho da carreira e das façanhas nas capturas dos presos fugitivos, além da tranquilidade da vila estabelecida pelas rígidas regras do presídio. (XAVIER, 2008, p. 85)

Com a desativação do presídio, a população perdeu um ponto de referência que a estruturava de forma cultural e econômica. Se por um lado, a existência do presídio exigia rígidas normas de controle e segurança impostos pelo estado ao uso do território – contribuindo para conter o crescimento da população local e da visitação – por outro, o presídio propiciava emprego, lazer, educação e assistência médica, sendo grande o auxílio prestado pelos agentes penitenciários e policiais militares aos moradores da Vila de Dois Rios. Essas práticas foram interrompidas com o Parque Estadual da Ilha Grande e a instalação física do campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

O Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) foi o terceiro Parque criado no Estado do Rio de Janeiro, através do Decreto Estadual nº 15.273/71 e depois revisado pelo Decreto nº 2.061 que implantou defi-

nitivamente o PEIG. Tinha inicialmente cerca de 15 mil hectares que após o novo decreto estabelecido pelo governador Faria Lima, em 1979, passou a ter 5, 6 mil hectares, ou seja, área bem inferior ao primeiro. A área do PEIG abrangia as terras dos distritos de Abraão e Araçatiba excluindo os terrenos do complexo presidiário, porém, em 1996, houve a expansão do Parque para a área da comunidade de Dois Rios. No governo de Sérgio Cabral, em 2008, a área do parque foi duplicada, ficando com 12 mil hectares, o que corresponde a 65% da ilha. A defesa do meio ambiente colocou limites nas práticas anteriores, e causou ressentimento entre os moradores da vila. Outro exemplo dos limites impostos à comunidade pode ser descrito com a proibição do corte das árvores que crescem na área do antigo cemitério pelo INEA. Muitos moradores tiveram seus parentes enterrados naquele cemitério e não podem mais visitar o local, pois a mata tomou conta da área dificultando sua manutenção.

Os planos originais para o Parque, que desconheciam de início as comunidades ou imaginaram poder retirá-las da área, defrontaram com a situação concreta de resistência e permanência da população, tendo que, por fim, se modificar. A presença de moradores em área de Parque e, sobretudo, a atividade turística que praticam, totalmente inaceitáveis perante a legislação vigente, são de certa forma toleradas, apesar das restrições impostas.



Revista do Programa de Pós-Graduação  
em Geografia e do Departamento de  
Geografia da UFES

Julho-Dezembro, 2019  
ISSN 2175-3709

Houve convocações para que as universidades interessadas na área se manifestassem. Três universidades mostraram interesse: Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). As duas primeiras exigiam que as populações residentes fossem retiradas, porém, como a proposta da Universidade deveria incorporar a população e prestar assistência a ela, tanto a UFF como a UFRJ retiraram suas candidaturas e a UERJ ganhou o direito ao uso da área pelo período de 50 anos. A partir de então, a área do IPCM, incluindo suas benfeitorias, foi transferida de acordo com um Termo de Cessão de Uso à UERJ, possibilitando a utilização do espaço, incluindo parte do parque (cerca de 50ha) e áreas de restinga, manguezais e rios para fins de pesquisa científica. Assim, a UERJ iniciou suas atividades em 1995 com projetos de pesquisa nas áreas de Biologia e Ecologia, inaugurando em 1998, a sede do Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável – CEADS.

As ruínas do IPCM e sua praia são bastante visitadas. Entretanto, não há meios de hospedagem, nem é permitido o pernoite de pessoas não autorizadas, por conta do parque. Na implosão do prédio do IPCM, demandada pelo governo do estado, pode ser identificada o desejo de “apagar” uma parte da história, interpretada como uma nódoa a apagar o brilho deslumbrante (patrimô-

nio paisagístico) da Ilha Grande, que se queria turística. Entretanto, a UERJ, que veio ocupar o lugar do presídio, criou sobre os escombros da implosão o Museu do Cárcere (o Ecomuseu), sinalizando que a história negada constituía outro tipo de patrimônio a ser protegido. Outro museu encontrado é o Museu do Meio Ambiente, utilizando as edificações mais antigas de Dois Rios, da fazenda do Holandês, para tratar assuntos relacionados ao biopatrimônio e uso sustentável.

Além dessas estruturas, há na enseada apenas um restaurante, um bar, duas igrejas, sendo uma católica e outra evangélica, e casas de moradia, na qual muitas se encontram em estado de abandono (**Figura 6**). A vila em si destaca-se por sua aparência abandonada e deteriorada pelo tempo, e pela falta de preservação de suas estruturas – por conta da vitória do discurso da conservação ambiental. Além dos escombros e ruínas, há a presença de equipamentos deixados e em estado de decomposição e sucateamento, como o trator em frente ao Museu do Meio Ambiente (**Figura 7**). Entretanto, esses mesmos destroços têm em sua presença uma capacidade de produzir emanção e de guardar inexoravelmente as lembranças do fantasma do cárcere. Um sentimento de que toda a infraestrutura e vida da vila eram intimamente ligadas ao sistema penitenciário, e que junto com o fim do cárcere, Dois Rios deixou de ser, também.

**FIGURA 6 - Edificação em ruínas.**



Fonte: Autora, 2017.

**FIGURA 7 - Trator abandonado em frente ao Museu do Meio Ambiente.**



Fonte: Autora, 2017.

O nome “Dois Rios” advém de sua composição; cada ponta da praia há um rio. A água doce dos dois rios se une com a água salgada do mar e formam as conhecidas Barra Grande e Barra Pequena (Figura 8 e Figura 9). Os rios banham um extenso manguezal, que equilibra o ecossistema de toda a região.

Eles são abastecidos por duas cachoeiras diferentes: as águas do rio da Barra Grande chegam de uma cachoeira que nasce pelo lado da enseada de Parnaiooca; já as águas que abastecem o rio da Barra Pequena, vêm de uma cachoeira menor, suas águas partem da enseada do Abraão.

**FIGURA 8 - Rio Barra Grande.**



*Fonte: Autora, 2017.*

**FIGURA 9 - Rio Barra Pequena.**



*Fonte: Autora, 2017.*

A forma mais utilizada para se chegar a Dois Rios, além da trilha de 7 km, são os passeios marítimos chamados Super Sul ou meia volta na ilha. Entretanto, são na maioria das vezes uma visitação contemplativa, pois

não há como descer na praia, pela inexistência de um cais para atracação dos barcos. Há também as ações do mar, nem sempre ser calmo, e dos ventos do quadrante sul, que impedem qualquer aproximação na enseada, quando presentes.

## O LIMIAR ENTRE O BUCÓLICO E O ABANDONADO.

“O culto ao passado requer ilusão em vez de autenticidade. [...] Uma função importante dos museus é produzir ilusões didáticas” (TUAN, 2013). Dentro desta proposta, os pontos potenciais de Dois Rios – Praia de Dois Rios; Rios Barra Grande e Barra Pequena; Ecomuseu Ilha Grande- Museu do Cárcere; Museu do Meio Ambiente – tem nos museus as funções de realizar alusões, ou ilusões, tanto ao passado, quanto a uma nova proposta de conservação do ambiente da enseada.

Categorizados como ponto de vista, o Ecomuseu Ilha Grande- Museu do Cárcere tem a intenção de fazer permanente a existência do presídio, permitindo que ações no sentido de preservar suas ruínas e memória ainda possam ser

desenvolvidas, afinal, removê-las acarretaria além de uma grande perda de identidade para os resistentes moradores, um incalculável prejuízo para a memória histórica do Brasil, que não se faz apenas de belas construções<sup>10</sup>. O Museu do Cárcere reúne objetos da época do presídio (**Figura 10**) e narra as histórias que relacionam o território ao sistema carcerário. Ele possui como um de seus principais objetivos, o desenvolvimento de ações e atividades de pesquisas voltadas à preservação e difusão de conhecimentos relacionados ao meio ambiente, à história e à vida sociocultural da ilha. Destaca-se a mobilização feita para que seja efetiva a participação dos moradores locais, fazendo com o que todo o produto gerado, seja vendido no próprio museu (**Figura 11**).

**10** - Outros presídios, como o da Ilha do Diabo, na Guiana Francesa, o de Alcatraz, nos Estados Unidos e o da Ilha de Anchieta, no Brasil, hoje configuram grandes atrativos turísticos. Toda a simbologia envolvendo a existência de uma penitenciária em uma ilha torna a mística da visita muito mais pronunciada. O cárcere exerce fascínio por si só, assim como o isolamento de uma ilha. Mas o primeiro gera uma mística que pode variar do asco à excitação (Xavier, 2008).

**FIGURA 10 - Interior do Ecomuseu Ilha Grande- Museu do Cárcere.**



Fonte: Autora, 2017.

**GEOGRAFARES**

Revista do Programa de Pós-Graduação  
em Geografia e do Departamento de  
Geografia da UFES

Julho-Dezembro, 2019  
ISSN 2175-3709



**FIGURA 11 - Artesanato dos moradores dentro do Ecomuseu.**



Fonte: Autora, 2017.

Nesta mesma categoria, ainda encontram-se o Museu do Meio Ambiente, e a Praia de Dois Rios. Estes trazem uma conotação mais atual do uso da enseada. O museu possui um caráter de conscientização e reaproveitamento de materiais, o que reforça ainda mais a venda de um imaginário sustentável, uma herança positiva do cárcere e sua conservação do ambiente. Já a praia da enseada, encontra-se como ponto de vista no seu sentido concreto, de apreciação da paisagem e de uma simbologia do selvagem e intocável ambiente natural.

Na categoria composição, os museus também são bastante representativos por terem como base de suas estruturas edificações do presídio Cândido Mendes, no caso do Ecomuseu, e da fazenda do

Holandês, no caso do Museu do Meio Ambiente (Figura 12). Já no âmbito abiótico, a composição dos rios Barra Grande e Barra Pequena também são potencializadoras para sua atratividade e destaque. Na margem do Barra Grande é possível encontrar os amoladores-polidores<sup>11</sup> – conjuntos de rochas que apresentam sulcos resultantes da atividade de elaborar objetos polidos – que são vestígios de uma comunidade pretérita, o que traz para enseada um potencial valor arqueológico (Figura 13). A composição dos rios, que originam uma formação de manguezal, e o encontro com a água salgada, faz com o que dentro de um jogo de elementos tão distintos de Dois Rios, eles assumam certo destaque.

**11** - Maria Cristina Tenório. Povoamento pré-histórico da Ilha Grande. In. Ilha Grande: do sambaqui ao turismo. EDUERJ, Rio de Janeiro. 2006

**FIGURA 12 - Museu do Meio Ambiente.**



Fonte: Autora, 2017.

**FIGURA 13 - Amoladores de faca em rochas na margem do Barra Grande.**



Fonte: Autora, 2017.

Possuindo uma posição de exterioridade natural, a Praia de Dois Rios se encontra na categoria exposição. Sua extensão de um pouco mais de 1 km, bordada por rios, faz com que ela seja o principal destaque atual da enseada,

voltado para uma ilha que vende o imaginário selvagem e natural. Assim como o Eco-museu (**Figura 14**), que pela sua estrutura ser a maior dentre as demais construções na enseada, é logo o principal ponto potencial avistado.

## FIGURA 14 - Ecomuseu Ilha Grande

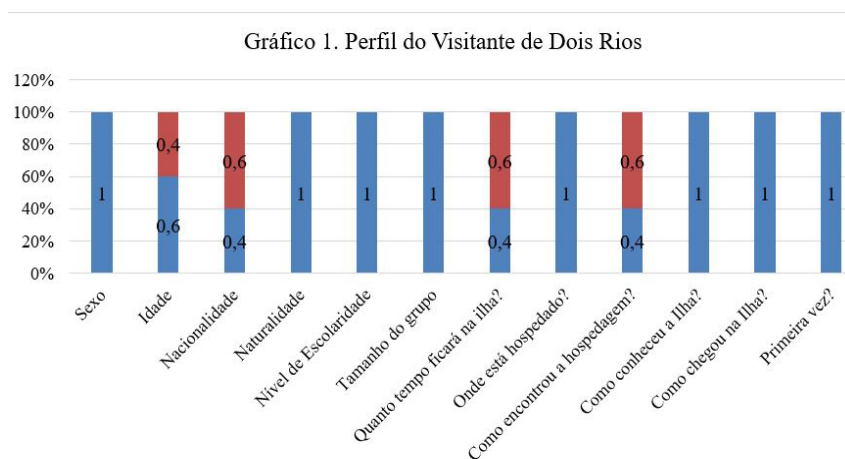


Fonte: Autora, 2017.

Diante desta inventariação, foi possível realizar o exercício de percepção com os visitantes em Dois Rios, em novembro de 2017, onde apresentaram o seguinte perfil (**Gráfico 1**): 100% do público feminino; a maioria brasileira, do Distrito Federal;

com curso superior; em um grupo de 2 a 4 pessoas, hospedadas em hostel; sendo a maioria pretendendo ficar na Ilha Grande entre 2 a 5 dias; e todas tendo conhecido o território insular a partir de indicações, e visitando pela primeira vez.

## GRÁFICO 1 - Perfil de visitante de Dois Rios



Fonte: Autora. Dados do Trabalho de Campo de 2017.

Este público não apontou os passeios de barco como uma atividade buscada, o que se era pretendido realizar tanto na ilha, quanto na enseada, eram

práticas de trilha e museus. Destacaram como os principais valores de Dois Rios o geológico, o paisagístico e o histórico, sendo colocado como

exemplificações destes atributos: a praia deserta e sem lixo; a população sem muita interferência na enseada; e o isolamento, principalmente quando contrastado com a urbanização e o “desmatamento” de outros espaços da própria Ilha Grande, como Abraão.

Mesmo Dois Rios sendo conhecida nacionalmente como um dos espaços na ilha mais utilizados pelo homem, o sentimento e propagação do imaginário desértico e edênico é altamente trabalhado e buscado<sup>12</sup>. O confronto com a população local é dado por um desprezo de ambos os lados: os visitantes que veem a comunidade como meros resquícios do passado carcerário, ou como funcionários da universidade, que pouco interferem na satisfação de seus desejos de estarem em um lugar paradisíaco; e por outro lado, o próprio receio da chegada de pessoas completamente desconhecidas em um lugar de importância afetiva para uma comunidade, que se vê cada vez mais esquecida e colocada em segundo plano, para que outros usufruam do espaço<sup>13</sup>.

Entretanto, esta percepção não é apenas sentida *in situ* pelos visitantes. Dois Rios é a única enseada descrita nos sites como a mais conservada por ter sido, durante muito tempo, um lugar que inibiu a atividade turística por abrigar o presídio Candido Mendes. Porém, negligenciam a presença de moradores relacionados ao cárcere, colocando-os numa generalização de atuais funcionários da UERJ. O pre-

sídio, mesmo reconhecido por inibir a prática turística, ainda é falado como um passado não mais presente, nem relevante, o que descaracteriza e tira o valor simbólico da enseada e de sua população.

Dois Rios possui a sua “natureza selvagem” muito mais voltada para a superação de um uso intensivo como o presídio, que ao mesmo tempo foi o principal fator para a manutenção de sua conservação. O “selvagem” retratado aqui é como algo que parou no tempo, uma “vila bucólica”, que gera certa romantização de um território, atualmente, em estágio de degradação. Mesmo dentro de Unidade de Conservação de Proteção Integral, sua preservação ainda é algo questionável; principalmente por esta renegar toda história, memória e resistência da população local, em detrimento de um discurso de salvaguarda do patrimônio natural, considerável intocável.

A enseada possui um diferencial em ser escolhida por ser pouco visitada, o que resgata o sentimento de isolamento e necessidade de estar distante por parte do visitante. Porém, o contato com as pessoas que moram na vila causam certa estranheza, principalmente pelos visitantes não entenderem o porquê daquelas pessoas viverem no estado depreciable em que Dois Rios se encontra. Com isso, o bucólico se transforma em “cidade abandonada”, “vila fantasma” e “pessoas abandonadas”. A falta de informação do visitante, somado a toda insuficiência e interesse de proteção

**12** - A delimitação do Parque Estadual da Ilha Grande para a área da comunidade de Dois Rios serviu como limite de atuação do poder territorial da população local da vila e, também, como um diferenciador do que e de quem está dentro e do que e de quem está fora. Enquanto havia proibições à população local (os de dentro) a suas práticas, um novo grupo ganhava um espaço para uso, os visitantes, turistas e pesquisadores (os de fora). A criação do território da proteção da natureza ao mesmo tempo em que foi usado para excluir a população da vila, foi também usado para conquistar grupos diferentes (turistas e pesquisadores), que passaram a controlar e coordenar o território e, também, os grupos nele inseridos. A população de Dois Rios, hoje, vive em função desses novos atores estranhos ao antigo território do cárcere.- XAVIER, T. F. Do território do cárcere ao território da proteção da natureza: conflitos no Parque Estadual da Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ). 2008. 112 f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

**13** - Uma análise sobre o contexto atual da Vila de Dois Rios aponta para situações de grande complexidade estrutural. A criação do território da natureza buscou apagar os símbolos do território do

Continua...



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Julho-Dezembro, 2019  
ISSN 2175-3709

cárcere e reconstruir a paisagem natural original da área, porém, não obteve êxito. Os símbolos do território do cárcere como as rígidas relações sociais (exaltação da ordem, o medo a estranhos), as constantes frases saudosistas dos moradores e a lembrança do IPCM ainda permanecem no imaginário da população da vila e enchem de curiosidade os visitantes que desembarcam na Ilha. Independente da importância da proteção da área, não há como alterar ou voltar atrás na paisagem criada. O seu uso histórico como território do cárcere, a resistência das populações na manutenção do território pretérito e os conflitos na implementação e construção do território da natureza evidenciam as relações diacrônicas e a dificuldade no estabelecimento de políticas territoriais ambientais eficazes para a vila. O passado persiste. Trata-se como intitulou Oliveira (2002) de uma “paisagem-museu”. - XAVIER, T. F. Do território do cárcere ao território da proteção da natureza: conflitos no Parque Estadual da Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ). 2008. 112 f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

desta parte do território, gera discursos preconceituosos. Há também a percepção de que a forma como se apresenta atualmente é a representação da manutenção do passado, e que entrar em contato com isto, gera um sentimento de volta ao tempo, sendo o único fator negativo a falta de divulgação.

Os pontos negativos também se contradizem, ao passo que almejam o isolamento, os visitantes questionam a falta de infraestrutura e recepção. Não ter carros que ofereçam o passeio, uma trilha sem sinalização, nem mais opções para lanches e almoço foram uma das principais questões desfavoráveis. Outro ponto interessante é a crítica ao Museu do Meio Ambiente, e também para toda a ilha, quando indicado que a falta de uma coleta de lixo seletiva é a ação mais contraditória vista no território insular, que pauta o discurso da conservação.

Ao responderem o que seria Patrimônio, 100% das visitantes disseram algo relacionado à herança, e com valor para ciência, sendo 40% acrescentando o valor cultural e algo pertencido, como resposta. Somando-se a isso, é possível entender porque 90% dos sentimentos relatados eram de, ao mesmo tempo, tranquilidade e paz, com abandono, insignificância e necessidade de preservar melhor o ambiente. Os próprios sentidos que fazem almejar certos lugares, e desfrutar o ambiente, geram percepções críticas, muitas vezes contraditórias, em relação a ele.

## CONCLUSÃO:

As disputas de poder, ou de discursos, são raramente expressas como uma força física, e sim exercidas por meio do reconhecimento e aceitação de símbolos de legitimidade. Atualmente, as contradições existentes na Ilha Grande estão em torno da atividade turística e de sua hegemonia quanto à propagação de um imaginário, e a determinação dos usos, explorações e práticas do território insular. A demanda turística da região esteve sempre associada à beleza das paisagens formadas pelo contraste da Mata Atlântica com o mar, tendo até a própria criação da primeira unidade de conservação da região, o PEIG, vinculada ao turismo, na medida em que o primeiro órgão gestor da unidade foi a Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro. Hoje, tendo diminuído a importância econômica da pesca, a inexistência do presídio, e de outras práticas, antes presentes como fonte de renda para os moradores das enseadas, o turismo transformou-se na principal atividade econômica local, mobilizando um grande número de pessoas em sua produção e consumo, principalmente concentrados nas pequenas vilas da ilha, como Dois Rios.

Com base no exposto, este trabalho buscou compreender os simbolismos da Ilha Grande – ilha como “um lugar especial na imaginação do homem” (TUAN, 2012) e uma ilha como um lugar excludente e modelo ideal de aprisionamento (XAVIER, 2008) – utilizando-se da construção de um histórico de uso e ocupação da enseada de

Dois Rios, e procurando identificar como os discursos eram propagados a favor, ou não, de certas práticas e a sua interferência nas mudanças de usos do território insular. Foi possível a partir da inventariação dos patrimônios, das análises das divulgações feitas pelas agências turísticas e observações no trabalho de campo, categorizar atualmente o estado de conservação, e a forma como estão disponíveis em uma Paisagem Cultural os elementos tratados como pontos potencializadores para as práticas turísticas.

Também foi possível exercitar a percepção dos visitantes, destacando seu mundo vivido, para assim identificar as contradições e incongruências desses imaginários, e como a percepção, tratada aqui como um prolongamento do próprio corpo, pode ser a proposta de uma ferramenta fundamental para detectar as precariedades, ou os principais conflitos sociais de um território – muitos ocasionados por discursos que vendem propostas, da qual a sua prática não cabe toda a gama de agentes pertencentes aquele lugar.

O fantasma carcerário está presente na enseada de Dois Rios de forma incongruente, ora se apresentando como a principal memória, saudade e resistência da população local, ora representando seu histórico negativo que deveria ser superado por uma atividade mais potencializadora do espaço, o turismo. A apropriação dele pela atividade turística por ser o mais relevante diferencial desta enseada, também se vê com dias contados para uma expan-

são de turismo em massa e mais pautado na experiência com a natureza in natura. A partir disso, é necessário começar a compreender até que ponto essas contradições percebidas são de fato identificações de falta de infraestrutura, que merecem ser reconhecidas e melhor administradas e solucionadas pelos órgãos públicos, e a que passo ela está de ser mais um dos discursos utilizados para a entrada e justificativa de iniciativas privadas na Ilha Grande.

Logo depois da instauração do turismo, feita por uma motivação multidimensional de discursos, a necessidade de uma implementação de Parcerias Públicos-Privadas (PPPs), seguindo uma ordem nacional de atividades, vem sendo umas das principais e mais perigosas políticas discutidas no território insular. Nas últimas décadas, a Ilha Grande vem sofrendo com os impactos do turismo desordenado e da falta de infraestrutura adequada, especialmente durante os meses de alta temporada. Com tais desafios crescentes para a gestão pública, somados à escassez de recursos, o Estado do Rio de Janeiro começou então a buscar alternativas para garantir a preservação das áreas legalmente protegidas da Ilha Grande. Assim, surgem as PPPs, como contratos de longo prazo entre o governo e um parceiro privado, que obrigam a parte privada a prestar serviços ou realizar investimentos na construção e manutenção de algum equipamento público, colocando as PPPs como as principais viabilizadoras para a geração de benefícios públicos.



Revista do Programa de Pós-Graduação  
em Geografia e do Departamento de  
Geografia da UFES

Julho-Dezembro, 2019  
ISSN 2175-3709

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, N. M. Da pirataria ao turismo: múltiplas territorialidades, conflitos de gestão e planejamento ambiental na Ilha Grande (RJ). 2009. 69 páginas. Monografia, Graduação em Geografia – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

GOMES, P. C. da C. O Lugar do Olhar: elementos para uma geografia da visibilidade. 1º Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320 páginas.

PRADO, R. M. Ilha Grande: do sambaqui ao turismo. 1º Edição. Rio de Janeiro: Editora: Garamond; EDUERJ, 2006. 288 páginas.

ROSS, J. L. S. Ecogeografia do Brasil – Subsídios para Planejamento Ambiental. 1º Edição. São Paulo: Oficina de Textos, 2006. 208 páginas.

SANTOS, R. F. Planejamento Ambiental: teoria e prática. 1º Edição. São Paulo: Oficina de Textos, 2004. 184 páginas.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. 1º Edição. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Editora Eduel, 2013. 248 páginas.

\_\_\_\_\_. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Editora Eduel, 2012. 342 páginas.

XAVIER, H. A Percepção Geográfica do Turismo. 1º Edição. São Paulo: Editora Aleph, 2007. 107 páginas.

XAVIER, T. F. Do território do cárcere ao território da proteção da natureza: conflitos no Parque Estadual da Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ). 2008. 112 páginas. Dissertação e mestrado. Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

DUTRA, F. F. Ilha Grande (Angra dos Reis, RJ): Ensaio sobre os atores no contexto das políticas públicas ambientais: o exemplo da Ilha Grande no Estado do Rio de Janeiro. 2008. 228 páginas. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

FERREIRA, H. C. H. A. Turismo, Natureza e Cultura: Disputas por “Patrimônios” nos Debates “Participativos” na Ilha Grande – RJ. Ambiente & Sociedade. v. XVI, n. 4 p. 63-82. São Paulo, out.-dez. 2013.

OLIVEIRA, L. Percepção Ambiental. Revista Geografia e Pesquisa. p. 56- 72, v. 06, nº 2. Ourinhos, 2012.